

**A ANÁLISE DA SUBJETIVIDADE EM GEOGRAFIA DA SAÚDE:  
ABORDAGEM QUALITATIVA DE SOROPOSITIVOS EM HIV EM  
PRESIDENTE PRUDENTE – SP<sup>1</sup>**

**THE ANALYSIS OF SUBJECTIVITY HEALTH GEOGRAPHY: QUALITATIVE  
APPROACH IN HIV POSITIVE IN PRESIDENTE PRUDENTE – SP**

**Mateus Fachin Pedroso**

E-mail: [mateus\\_fachin@hotmail.com](mailto:mateus_fachin@hotmail.com)

Discente em Geografia

Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP

Campus de Presidente Prudente

Bolsista FAPESP

**Raul Borges Guimarães**

E-mail: [raul@fct.unesp.br](mailto:raul@fct.unesp.br)

Professor de Geografia

Bolsista produtividade do CNPq e

Pesquisador principal de projeto temático da FAPESP

Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP

Campus de Presidente Prudente

**Resumo:** Explorando o universo dos seres humanos, diversas disciplinas das ciências humanas têm desenvolvido recursos teóricos e metodológicos de compreensão da realidade, tais como a sociologia, a antropologia, psicologia e a geografia. Partindo deste pressuposto, trazemos para debate as peculiaridades da abordagem geográfica da subjetividade, considerando a interlocução da Geografia da saúde com outras áreas das ciências humanas. Assim, podemos compreender a importância e a diferença do uso da subjetividade enquanto ferramenta de análise nas diferentes ciências abordadas anteriormente por este trabalho. Tomando isso como ponto de partida, o intuito principal deste trabalho é tratar sobre a análise da subjetividade em Geografia, especificamente tendo como recorte o HIV/AIDS na camada jovem de Presidente Prudente – SP. Assim, pretendemos compreender a realidade e a produção do espaço vivenciado por estes jovens, sendo este um dos objetivos da pesquisa intitulada “Situações de vulnerabilidade e contexto geográfico: o recrudescimento do HIV/AIDS na camada jovem de Presidente Prudente – SP”, projeto de iniciação científica com apoio da FAPESP.

**Palavras-chave:** Subjetividade, Ciências Humanas, Geografia da Saúde, HIV/AIDS

**Abstract:** Exploring the universe of humans, various human sciences have developed enormous theoretical resources and methodologies to understand the reality, such as sociology, anthropology, psychology and geography. Under this assumption, we bring to debate the peculiarities of the geographical approach of subjectivity, considering the dialogue of Geography of Health with other areas of the humanities. So we can understand the importance and the difference in the use of subjectivity as analysis tool in the different sciences previously addressed by this work. Taking this as a starting point, the main purpose of this work is to treat on the

<sup>1</sup> Houve a participação deste trabalho no II SEMINÁRIO NACIONAL DE INTEGRAÇÃO DA GRADUAÇÃO E DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA; XVI SEMANA DA GEOGRAFIA “40 ANOS DE AGB/PRESIDENTE PRUDENTE: Reflexões e perspectivas da Geografia”, realizado entre os dias 13 e 17 de outubro de 2015, na Unesp de Presidente Prudente.

analysis of subjectivity in geography, specifically having to cut HIV / AIDS in young layer of PresidentePrudente - SP. Thus, we aim to understand the reality and the production of space experienced by these young people, which is one of the objectives of the study titled "Vulnerability situations and geographical context: the resurgence of HIV / AIDS in young layer of PresidentePrudente - SP," project undergraduate research supported by FAPESP.

**Keywords:** Subjectivity, Social Sciences, Geography of Health, HIV / AIDS

## INTRODUÇÃO

O termo subjetividade é oriundo da palavra subjetivo que significa: “referente ao sujeito; que está somente no sujeito; que se passa somente no interior do espírito de uma pessoa (FERNANDES et. al, 2001). Explorando esse universo dos seres humanos, diversas ciências das humanidades têm desenvolvido recursos teóricos e metodológicos de compreensão da realidade, tais como a sociologia, a antropologia, psicologia e a geografia. Sendo assim, é importante demonstrar que são inúmeras as metodologias aplicadas no uso da subjetividade por essas ciências, e que ocasionalmente estas se interpelam e cooperam uma com as outras para a compreensão mútua da totalidade. Afinal,

[...] o espaço encontra sua forma de expressão no diálogo e na ação comunicativa, traz para o centro da nossa análise a dialética entre o Um e o Outro, e sublinha a importância das relações entre sujeito-outros sujeitos-sociedade para dar conta dos possíveis significados tanto da vida individual como da vida pública (JOVCHELOVITCH, 2000, P. 70).

Partindo deste pressuposto, trazemos para debate as peculiaridades da abordagem geográfica da subjetividade, considerando a interlocução da Geografia da saúde com outras áreas das ciências humanas. Para isso, consideramos como ponto de partida a contribuição da geografia humanística, desde o início da década de 1970, preocupada com as percepções, vivências e experiências das pessoas. Contrapondo-se à geografia teórica-quantitativa, predominante até então, os geógrafos humanísticos procuraram “compreender as relações afetivas ou sentimentais de indivíduos ou de grupos sociais em relação ao espaço (lugar) onde viviam (CAMARGO; ELESBÃO, 2004, p. 15). Assim, esta nova abordagem geográfica trouxe para análise a participação do corpo como produtor do espaço demonstrando que o lugar não é somente constituído pela sua singularidade que o dá

forma física, mas sim de como este é formado, e do sentido que toma a partir das transformações e funções que adquire posteriormente (SANTOS, 1996). A partir disto, é possível se atribuir a subjetividade do uso destes espaços produzidos, visto que as interações partem do corpo (homem), pois “o corpo é corpo vivo e o espaço é um espaço constructo do ser humano (TUAN, 2013, p. 49)”.

Tomando isso como ponto de partida, o intuito principal deste trabalho é tratar sobre a análise da subjetividade em Geografia, especificamente tendo como recorte o HIV/AIDS na camada jovem de Presidente Prudente – SP. Assim, pretendemos compreender a realidade e a produção do espaço vivenciado por estes jovens, sendo este um dos objetivos da pesquisa intitulada **“Situações de vulnerabilidade e contexto geográfico: o recrudescimento do HIV/AIDS na camada jovem de Presidente Prudente – SP”** projeto de iniciação científica com apoio da FAPESP.

## **CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTOS METODOLÓGICOS**

Perante a necessidade imposta advinda das discussões apresentadas anteriormente, toma-se como núcleo deste trabalho o embasamento na pesquisa qualitativa através de fontes orais, uma vez que esta abordagem permitirá a reflexão acerca dos contextos geográficos relacionados à AIDS a partir da manifestação de pessoas jovens portadoras do HIV e/ou em situação de vulnerabilidade à AIDS em Presidente Prudente – SP. Visamos por meio desta metodologia, compreender os agravos que esta doença vem causando na população jovem, considerando-se o contexto geográfico vivido por essas pessoas (PESSOA e RAMIRES, 2013).

Do ponto de vista geográfico, este procedimento exige a compreensão que se estabelece entre o lugar e o corpo, através de análises corpo/espaciais que deixam suas marcas entre si, gerando uma espécie de arquivo-vivo-memória. Sendo assim:

Essa memória-arquivo ou esse arquivo-vivo-memória aglutina cultura e genética, coaduna imaginários, desejos e carnes, justapõe dor, superação e afetos. Qualquer corporeidade, assim, é, ao mesmo tempo, dispositivo da ação e testemunho de vivências. É um mundo no mundo que se exerce por meio de relações nos lugares. Nas relações, por meio delas e dentro delas, os órgãos ou os organismos se traduz na história por meio do espaço (CHAVEIRO, 2012, p.253).

A partir da História Oral como um campo mais amplo, têm-se a História de Vida e os Relatos Oraís como instrumentos de manejo de pesquisa (MEIHY e HOLANDA, 2013). O que se pretende com estes instrumentos é explicitar a ideia de que não existe um resgate do passado, mas sim, uma reconstrução do passado para o tempo atual, transcritos através do corpo e do lugar, no qual se dá à inter-relação entre tempos e espaços vividos, sendo a reconstrução dos fatos realizados pela estimulação da memória trabalhada e desenvolvida pela entrevista.

Para o desenvolvimento dos relatos orais, as entrevistas estão sendo gravadas e transcritas com prévia autorização dos sujeitos da pesquisa. Os relatos serão desenvolvidos por meio do roteiro semi-estruturado que foi construído tendo em vista o eixo principal da pesquisa. O roteiro de entrevista conta com perguntas que são organizadas por blocos temáticos, cada qual tendo função de captar informações que quando analisadas em conjunto trarão uma ideia da realidade total vivenciada por estes jovens, pois esta forma é “mais adequada quando desejamos que as informações coletadas sejam frutos de associações que o entrevistado faz, emergindo, assim, de forma mais livre (MANZINI, 1991)”.

O bloco de perguntas central se refere a manifestação do HIV/AIDS na vida desses jovens, e conta com perguntas que vão desde o surgimento do vírus, até a relação que foi estabelecida com o social após a confirmação da soropositividade. Em um primeiro momento busca-se saber como e qual, foi a causa/forma de contato com o vírus que tornou o sujeito soropositivo, pois, muitos aspectos, sentimentos e expressões são evidenciadas quando se trata de forma inicial ao falar-se sobre a origem desta nova condição.

Em um segundo momento, trata-se sobre o entorno; a família e amigos, e a relação existente entre eles, pois este fator evidencia as diversas situações de vulnerabilidade em que o sujeito se encontra quando transmite a informação de sua atual condição. Outro aspecto levantado neste bloco de perguntas é a questão de bem-estar e aceitação de si mesmo frente a condição atual, fazendo com que se pense em prospecção ao futuro e no presente momento, como também, constatar as mudanças espaço/temporais ocorridas em decorrência da presença do vírus do HIV na vida dos sujeitos.

O roteiro também é composto pelo bloco de perguntas que aborda sobre o tema saúde, buscando entender a vulnerabilidade física/biológica do sujeito, como

também elucidar as questões sobre o serviço de saúde do qual o sujeito faz uso, tendo assim o intuito de compreender o que o sujeito entende por saúde em âmbito geral e analisar o relato sobre sua própria saúde, realizando uma linha temporal, antes e depois do diagnóstico, constatando se houve mudança na percepção do sujeito sobre a saúde. Neste contexto, entende-se que:

[...] a concepção trazida das Ciências Humanas, segundo as quais se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual e coletivo para a vida das pessoas. Torna-se assim, imprescindível saber o que os fenômenos da doença e da vida em geral representam para elas. O *significado* tem função estruturante: em torno do que as coisas significam, as pessoas organizaram de certo modo as suas vidas, incluindo seus próprios cuidados com a saúde (TURATO, E. R. 2005, p. 509).

Visto que a doença afeta inúmeros segmentos da vida do portador tratamos também sobre a questão do corpo e corporeidade, buscando captar a noção destes jovens sobre si mesmos, enquanto corpos que ocupam um determinado espaço, como também o sentido do uso do corpo no meio em que estão inseridos e como produzem este meio através do próprio corpo. Tratando-se a sobre produção de espaço e as ações executadas, damos sequencia no próximo bloco de perguntas abordando a participação e envolvimento político referente a temática HIV/AIDS com a intenção de captar iniciativa de militância, ou mesmo participação de órgãos voltados a este movimento.

Como partimos da subjetividade dos relatos de tais sujeitos, atemo-nos de outros aspectos para uma maior e melhor compreensão da situação, o que consiste o último bloco de perguntas do roteiro, que trata sobre o lazer e as vivências destes jovens relacionados aos lugares de lazer e distração que frequentam. Trata-se também, sobre a movimentação e participação destes lugares após o diagnóstico, com a intenção de buscar saber se houve aumento ou diminuição da frequência em decorrência da sorologia deste sujeito.

O roteiro semi-estruturada entrevista é composto por uma diversidade de vertentes que buscam em conjunto através da subjetividade dos relatos, uma compreensão da realidade vivenciada por estes sujeitos. O intuito maior é utilizar-se das metodologias qualitativas, e por meio da subjetividade encontrada nas falas, compreender as vivências do espaço que estes jovens produzem enxergando os diversos contextos geográficos presentes.

## OS DIFERENTES USOS DA SUBJETIVIDADE

As ciências humanas têm os seres humanos como objeto de estudo, entendendo as diferentes relações de produção do entorno e de si mesmo enquanto um ser social, num processo concomitante e contínuo. Afinal,

O ser humano (o homem vivendo em sociedade) em função da natureza intrínseca e própria desse ser (ser racional, pensante, político por natureza, dotado de livre-arbítrio e capacidade de decisão) estão envoltas em uma série de particularidades e especificidades próprias desse objeto (CAMARGO; ELESBÃO, 2004, p. 17).

Essa é uma característica que as diferentes ciências humanas têm em comum, os seres humanos como objeto de análise. Sendo assim, este é compreendido em diferentes aspectos por meio das intencionalidades científicas, que buscam suas especialidades e caracterizam o objeto pelo seu formato de análise, no qual este é analisado com propostas distintas. Tratando-se sobre ciências humanas muito se relaciona com as interpretações que proporcionam diversas leituras do mesmo objeto, como também é corriqueira a existência de uma vasta gama de interpretações dentro de uma mesma ciência, fator este ligado a subjetividade de cada qual.

Para a Psicologia a subjetividade está ligada a internalização dos fatores internos e externos para a construção do homem enquanto sujeito, em um processo histórico e contínuo dos fenômenos, que estimula a relação com os demais e o convívio dentro da sociedade. De forma dialética interage com fatores internos e externos que formam uma visão de si e do mundo, tal como,

O homem constitui sua subjetividade mediante ao processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente, desenvolvendo assim, suas funções psicológicas superiores, tais como raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções. Esse é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da subjetividade e está assentado, também na relação com outros homens (AITA; FACCI, 2011, p. 36).

Os seres humanos se apropriam em seu processo de auto-construção de inúmeros fatores, sendo um deles a cultura, e constrói sobre isso sua identidade, tendo desta forma ligação com outras áreas do conhecimento como a antropologia, por exemplo. Isso evidencia a permeabilidade e flexibilidade da subjetividade entre

as diversas áreas da ciência humana, como também mostra as ligações, diferenças e complementariedades que existem entre estas diversas áreas.

Já a Antropologia toma a subjetividade para si de uma forma muito peculiar, pois envolve, além dos fatores econômicos, políticos, sociais, os fatores culturais. O fator cultura se faz destaque devido aos sentidos simbólicos que são trazidos para debate dentro desta ciência, pois estes significados e pensamentos são culturalmente construídos, dando origem à novas culturas, e modificando as existentes. Isso fica claro nas contribuições de Ortner (2004), pois a simbologia intrínseca a cultura modela e transforma o mundo real, sendo que, “a subjetividade nas suas relações com as (mutáveis) formas de poder, e especialmente as formas mais sutis de poder saturam a vida cotidiana, através de experiências do tempo, espaço e trabalho (ORTNER, 2007, p. 400)”.

No caso da Geografia, a subjetividade permeia as mudanças que acontecem no meio geográfico, tanto que se refere às simbologias, valorações e interpretações, no que está ao entorno das pessoas, tanto como aquilo que ele vivencia e experiencia de forma individual ou coletiva. Assim, a Geografia se relaciona com as demais ciências humanas e contempla as diferentes formas que o homem realiza a construção de seu espaço, e por meio de tais interações busca compreender o homem e suas ações no meio em que vive. Neste ato de tornar o espaço um constructo através destas representações é válido interpretar as considerações de Araújo e Reis Júnior (2012) que dizem que o:

[...] exercício de adicionar um valor subjetivo a uma parte ou totalidade do meio que o circula, o ser humano, direta ou indiretamente, acaba por criar paisagens de representações sociais, estas por sua vez são formadas pelas sobreposições signícas atribuídas neste ato de mútua identificação e reconhecimento (p. 88).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em Presidente Prudente a situação em que o HIV/AIDS se encontra é preocupante, principalmente no que se refere à camada jovem. Os jovens são considerados um dos principais grupos de vulnerabilidade, assim, apresentando variações tanto no diagnóstico da soropositividade em HIV, quanto no diagnóstico da AIDS propriamente dita. Segundo o Centro de Referência e Tratamento DST/AIDS – SP (SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE, 2013) em Presidente Prudente foram

constatados 163 casos de portadores da AIDS na faixa etária de 15 a 24 anos no período de 1988 a 2013. Observa-se neste período uma tendência ascendente de novos casos, sendo esta camada populacional a que mais contribuiu para o aumento dos soropositivos neste município paulista.

Assim, podemos compreender a importância e a diferença do uso da subjetividade enquanto ferramenta de análise nas diferentes ciências abordadas anteriormente por este trabalho, e em vista desta situação, torna-se imprescindível a formação de estudantes de Geografia interessados nesta área, o que envolve o aprendizado de conceitos de Geografia humana, em especial da Geografia da saúde, assim como procedimentos da pesquisa qualitativa. O presente projeto de iniciação científica foi elaborado tendo em vista a necessidade de ampliação da discussão a respeito da doença dentro da Geografia brasileira, considerando esses aspectos subjetivos.

## REFERÊNCIAS

AITA, E, B; FACCI, M, G, D. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011.

ARAÚJO, G, C, C; REIS JUNIOR, D, F, da C. As representações sociais no espaço geográfico. **Rev. Geotemas**, Pau dos Ferros, RN, v. 2, n. 1, p. 87-98, jan/jun. 2012.

CAMARGO, J, C, G; ELESBÃO, I. O problema do método nas ciências humanas: o caso da Geografia. **Rev. Mercator**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 7-18, dez. 2004.

CHAVEIRO, E. F; Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR, E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L de. **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 249-279.

FERNANDES, F; LUFT, C, P; Guimarães, F. M. **Dicionário Brasileiro Globo**. São Paulo: Editora Globo, 2001, p. 350.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P, A; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 63-85.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Rev. Didática**, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 149-158, 1991.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. Como fazer. In: MEIHY, J, C, S, B; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 11-31.

ORTNER, S, B. Subjetividade e crítica cultural. **Rev. Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 375-405, jul/dez. 2007.

PESSOA, V. L. S; RAMIRES, J. C. L. Amostragem em pesquisa qualitativa: subsídios para a pesquisa geográfica. In: MARAFON, G, J; RAMIRES, J, C de L; RIBEIRO, M, A; PESSÔA, V, L, S. **Pesquisa qualitativa em Geografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 117-134.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p. 136.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE, Centro de Referência e Tratamento DST/AIDS – SP. Investigação de agravos de AIDS adulto 2013. Disponível em: <<http://www.saude.sp.gov.br/>>. Acesso em 08 de Setembro de 2014.

TUAN, Y, F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013, p. 247.

TURATO, E, R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, abr. 2005.